O SIGNIFICANTE-MESTRE E A IDENTIFICAÇÃO NO DISCURSO MIDIÁTICO

FABIO ELIAS VERDIANI TFOUNI ¹

Departamento de Letras (DLI) Centro Campus Prof. Alberto Carvalho
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Av. Ver. Olímpio Grande, s/n - Porto, Itabaiana - SE, 49500-000

fabiotfouni@hotmail.com

Resumo. *Este trabalho tem como objetivo analisar e compreender aspectos dos processos de identificação do sujeito em sua interação com a mídia e os discursos midiáticos. Argumentamos que o discurso midiático fabrica subjetividades, assujeitando o eu do sujeito-leitor em um processo que tem um de seus pilares no mecanismo da identificação. Procuramos estabelecer uma interface entre a análise do discurso pècheuxiana e a psicanálise freudo-lacaniana, além de sinalizar que um dos mecanismos primordiais desse processo é o discurso pedagógico da mídia. Mobilizamos na análise a noção de significante mestre e o bastamento ideológico.*

Palavras-chave: *significante mestre; formação discursiva; identificação; assujeitamento; mídia.*

Abstract. *This work aims to analyze and understand aspects of the processes of identification of the subject in their interaction with the media and the media discourses. We argue that the media discourses produces subjectivities, subjecting the subject's self in a process that has one of its pillars in the mechanism of identification. We establish an interface between the pecheutian discourse analysis and the freudo-lacanian psychoanalysis. In our analysis, we affirm that one of the primordial mechanisms of this process is the pedagogical discourse of the media and mobilize the notions of master-signifier and ideological quilting.*

Keywords: *Master Signifier; Discursive Formation; identification; subjection; media.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar e compreender aspectos dos processos de identificação do sujeito em sua interação com a mídia e os discursos midiáticos², dando

¹ Professor do Departamento de Letras de Itabaiana (DLI) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Membro do programa de Pós-graduação em Letras (PPGL).

² É resultado de estágio de pós-doutorado em andamento no Departamento de Letras da UFPE, sob supervisão da Profa. Dra. Evandra Grigoletto (TFOUNI, 2018).

sequência a trabalhos anteriores (TFOUNI, F. E. V. e TFOUNI, L. V., 2014 e TFOUNI, 2015), onde argumentamos que o discurso midiático fabrica subjetividades, assujeitando o eu do sujeito-leitor em um processo que tem um de seus pilares no mecanismo da identificação, tal como trabalhado por Pêcheux (1995, 1999). Nesses textos, procuramos estabelecer uma interface com a psicanálise, além de sinalizar que um dos mecanismos primordiais desse processo é o discurso pedagógico da mídia.

Podemos tomar como ponto de partida a afirmação de Pêcheux segundo a qual a interpelação do sujeito se dá através da identificação do sujeito com a formação discursiva: “[...] a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, 1995, p. 214).

O sujeito não nasce pronto, existe um processo de formação do sujeito do qual a identificação é parte primordial. Por isso, tanto a Análise de Discurso (AD), como a psicanálise, criticam as teorias essencialistas da subjetividade, para as quais o sujeito seria apenas um desabrochar daquilo que ele já traz desde seu nascimento. Isso poderia ser erroneamente interpretado, levando à suposição de que o sujeito é uma evidência, o que, para Pêcheux e Althusser é um problema, pois o sujeito é um efeito ideológico: “[...] a ‘evidência’ de que vocês e eu somos sujeitos – e que isso não constitua um problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar” (ALTHUSSER, apud PÊCHEUX, 1995, p. 153).

Embora falemos em identificação do sujeito, não deve ficar a ilusão que é o sujeito quem escolhe. O processo de identificação é uma captura do sujeito pelo Outro³, de modo que o sujeito fica alienado ao Outro.

O sujeito contemporâneo é, como diz Forbes (2010), um sujeito “desbussolado”, perdido, sem rumo e sem norte. Temos afirmado (TFOUNI, F. E. V. e TFOUNI, L. V., 2014 e TFOUNI, 2015) que, por isso, o sujeito recorre às mídias como revistas, jornais, televisão e etc. para saber como se portar na vida: como obter sucesso profissional, pessoal, e amoroso, por exemplo.

Para esse sujeito perdido, as mídias assumem uma posição de saber, podendo tomar o lugar do professor e veicular um discurso pedagógico, “ensinando” ao leitor (aluno/ignorante) como conduzir sua vida. Em Tfouni, F. E. V. e Tfouni, L. V. (2014), afirmamos que o discurso pedagógico não existe apenas na escola, mas em todo lugar onde se instalam relações assimétricas entre os sujeitos e, ao mesmo tempo, demarcamos as características do discurso pedagógico:

Assim, por exemplo, o autoritarismo disfarçado, a irreversibilidade, e o assujeitamento ideológico (cf. ORLANDI, 1996) são características de diversos discursos, não apenas do discurso pedagógico. Tfouni e Assolini (2007) pontuam que as características de funcionamento do discurso pedagógico podem ser encontradas em qualquer instância em que se instale uma interação assimétrica, como no discurso dos pais dirigido aos filhos com o intuito de inseri-los na ordem social ou nos

³ O Outro (Autre, ou Grande Outro, em Lacan (1998)) é a instância do simbólico, à qual o indivíduo deve se assujeitar a fim de vir a ser sujeito.

usos e costumes atribuídos ao “bom” sujeito. (TFOUNI, F. E. V. e TFOUNI, L. V., 2014, p. 127)

Essas colocações nos permitirão também tocar na questão da autonomia do sujeito, pois, frequentemente, quando se fala em assujeitamento, surge o questionamento de se esse sujeito não possui nenhuma liberdade, se ele é totalmente assujeitado. Nessa linha, Gregolin pergunta: “Será a identidade uma imposição ‘de fora’, que pressupõe a passividade de um sujeito-receptáculo formatado por moldes produzidos em outros lugares?” (2007, p. 23).

Para a AD, o sujeito não é passivo nesse processo, e Pêcheux (1995) propõe três formas de identificação. A primeira é aquela na qual existe uma “superposição” entre o sujeito da enunciação e o sujeito Universal, da qual resultaria um assujeitamento total.

As outras duas formas de identificação, chamadas de “contraidentificação” e de desidentificação (esses nomes, por si, já indicam uma reação do sujeito ao Outro), são formas de identificação nas quais o sujeito, que estava identificado ao Outro questiona parcialmente ou totalmente esse Outro e, como resultado, pode mudar de posição. Para a AD, portanto, existe a possibilidade de questionamento e uma mudança de posição do sujeito em relação ao Outro e seu assujeitamento.

É preciso dizer que o conceito de identificação é complexo e atravessa a teoria psicanalítica quase que em seu todo. Assim, na leitura de Freud, Lacan e outros, encontramos formulações como: Identificação histórica, Identificação pelo traço, identificação na formação de sintomas, identificação regressiva, melancolia e identificação, narcisismo e identificação, identificação simbólica, identificação imaginária, traço unário, identificação significativa.

Nosso objetivo, além de analisar o *corpus*, é desenvolver as discussões anteriores, sobretudo em relação à questão do sujeito, da interpelação ideológica e da identificação, bem como o papel da mídia nesse processo.

O sujeito pode se identificar não apenas com outros que toma como modelo, mas também com ideais que se constituem enquanto ideais do eu, os quais o sujeito toma como significantes mestres e que fornecem as coordenadas do discurso do sujeito. Por isso, formularemos uma relação entre o conceito de significante mestre na psicanálise e de formação discursiva na AD.

Apesar de haver similaridades com relação ao objeto de análise (capas de revistas) dos trabalhos citados, assinalamos que não se trata de uma réplica, visto que procuraremos enfatizar as diferenças e, principalmente, avançar de modo substancial no tratamento da relação entre assujeitamento ideológico e o processo de identificação.

A MÍDIA E A FORMAÇÃO DE IDENTIDADES

Inicialmente, diremos, junto com Gregolin (2007), que a mídia possui um papel importante na produção e reprodução de identidades. Como a mídia é um dos principais meios de circulação dos sentidos, seus discursos têm um peso considerável na formação

de opiniões e, de identidades. Baseada em Bauman, Gregolin (2007) afirma que a mídia fornece ao leitor o que lembrar e o que esquecer, de modo que a todo o momento nos são colocadas figuras que dizem como devemos interpretar, o que tem reflexos nos processos identitários.

Rememoração e esquecimento fazem derivar do passado a interpretação contemporânea, pois determinadas figuras estão constantemente sendo recolocadas em circulação e permitem os movimentos interpretativos, as retomadas de sentidos e seus deslocamentos. Os efeitos identitários nascem dessa movimentação dos sentidos. (GREGOLIN, 2007, p. 16)

A partir dessa colocação, pretendemos discutir a questão da ideologia, do assujeitamento e da identificação na mídia a partir da capa de revista *Men's Health* Brasil, Nº 107, edição de março de 2015, e perguntar: Que sentidos são colocados nessa capa? Quais as consequências para o sujeito?

Imagem 1 – Capa de Revista – Men's Health Brasil – março de 2015

Além da figura, a capa traz os seguintes enunciados (sequências discursivas – SD):

- SD1 Fique sarado rápido
- SD2 Seque os pneus e defina o abdome
- SD3. Ganhe 9 KG de músculos em 2 meses
- SD4 13 maneiras de preparar ovos
- SD5 24 sandubas que valem o jantar
- SD6 Rio 450 anos – Esportes ao ar livre para entrar em forma na maior diversão
- SD7 Corra na trilha e detone calorias
- SD8 Sexo – Vale a pena ter uma recaída com a ex?
- SD9 Viver melhor é fácil

As sequências discursivas aqui presentes fazem amplo uso de verbos no imperativo: fique, seque, ganhe, indiciando a estrutura de um discurso pedagógico, que a AD caracteriza como um discurso do tipo autoritário:

Assim, o tipo autoritário é o que tende para a paráfrase (o mesmo) e em que se procura conter a reversibilidade (há um agente único: a reversibilidade tende a zero), em que a polissemia é contida (procura-se impor um sentido) e em que o objeto do discurso (seu referente) fica dominado pelo próprio dizer (o objeto praticamente desaparece) (ORLANDI, 1996a, p. 24)

A característica principal desses enunciados, além do verbo no imperativo, é que eles constituem uma lista que se assemelha a uma lista de exercícios para o aluno.

Os sujeitos, que são desde sempre incompletos e faltantes (STARNINO, 2016), são também atravessados por um não saber: não sabem como conduzir sua vida profissional, amorosa, financeira e etc. Retomando a afirmação de Forbes (2010), segundo a qual o sujeito contemporâneo é um sujeito desbussolado, um sujeito sem rumo, sem norte, perdido, podemos dizer que ele busca esse norte em parte nessas revistas, para poder conduzir sua vida. O sujeito sem rumo encontra, então, (ou é encontrado pelo) o discurso pedagógico, ou seja: um receituário que lhe ensine a viver. Ao mesmo tempo, dá-se a identificação plena com o Outro, colocado na posição de poder ensinar os outros a viver. O assujeitado se encontra com o assujeitador. A dupla perfeita; a comunhão universal. Desse modo, o sujeito está pronto para realizar “livremente” sua sujeição, como dizem Pêcheux e Althusser. Por ser incompleto, o sujeito depende do outro⁴, como afirma Starnino (2016), e, as revistas se colocam como portadoras da palavra do Outro, que interpela o sujeito sob a roupagem da assistência ao sujeito desamparado.

Em trabalhos anteriores, afirmamos que as capas de revista fornecem ao leitor imagens que funcionam como espelhos, permitindo que o sujeito se coloque naquele lugar:

Tal como o *infans*, que se rejubila diante do espelho, ao ver integradas as partes de seu corpo que antes lhe parecia despedaçado, formando agora uma unidade totalizante puramente imaginária, também o sujeito que recorre às revistas para “saber” (o que fazer, como se comportar, como agir diante de inesperados, como fazer amigos, como copular etc.), teria uma satisfação rejubilatória por entrar em sintonia com

⁴ O outro, com minúscula, designa o semelhante, o interlocutor.

aquilo que esse grande Outro “gostaria” que ele fosse. (TFOUNI, F. E. V. e TFOUNI, L. V., 2014, p. 118).

Reiterando o que já afirmamos (TFOUNI, F. E. V. e TFOUNI, L. V., 2014), o sujeito que se espelha nessas capas de revista recebe em troca o reconhecimento do Outro, passa a ser aceito, ou seja: se reconhece como digno de amor. O desejo dele é, como afirma Lacan (1998), o desejo do Outro, assim como a demanda é sempre demanda de amor. Zizek (1992) corrobora essa interpretação ao afirmar que a identificação é para o olhar do outro, num processo em que o sujeito se oferece como objeto de desejo. Lembramos que o sujeito é sempre faltante e, por isso, precisa do Outro. Afirmar Zizek:

[...] a identificação imaginária é sempre uma identificação para um certo olhar do outro. Assim, a propósito da todas as imitações de uma imagem modelo [...] a pergunta a formular é: para quem o sujeito desempenha esse papel? Que olhar é considerado quando o sujeito se identifica com uma certa imagem? A oposição entre a maneira como me vejo e o ponto do qual sou observado é crucial [...] quando consideramos uma histórica num desses acessos teatrais, é evidente que ela faz isso para se oferecer ao Outro como objeto de seu desejo. (ZIZEK, 1992, p. 105)

Nesse ponto colocamos em cena a diferença entre a identificação imaginária e a identificação simbólica:

Lacan falará de identificação imaginária e de identificação simbólica para designar a produção de uma nova instância psíquica. A identificação imaginária está na origem do eu e tem a ver com a imagem especular (formação narcísica, fixação da primeira alienação do sujeito ao desejo do Outro). A identificação simbólica dá origem ao sujeito do inconsciente e tem a ver com os significantes, traços que marcam a história do sujeito. (POIAN, 2002, p. 3)

A alienação na imagem, que é o fundamento do eu, se substitui pela alienação na linguagem, alienação estrutural onde o significante apossa-se do lugar do eu e produz o sujeito através de um deslizamento contínuo. Assim o sujeito lacaniano vai se pontuando através do movimento da linguagem que forma a cadeia significante que é o próprio inconsciente. (POIAN, 2002, p. 3)

Como a capa é composta de enunciados e da imagem de um homem, de modo simplificado, poderíamos dizer que temos elementos para abordar tanto a identificação imaginária como a identificação simbólica. No entanto, é preciso levar em conta a interpenetração dos três registros (enodamento), e que, portanto, a imagem ali presente é atravessada pelo simbólico (pelos significantes) e os enunciados também possuem uma dimensão imaginária.

A interpelação-identificação é um processo no qual o sujeito se aliena ao Outro, na medida em que este último é linguagem, é significante. Vale notar que Althusser grafava o sujeito universal que realiza a interpelação com S maiúsculo, realizando uma homografia com o grande outro lacaniano, ou Outro, que também é grafado S. Esse Sujeito Universal seria ao mesmo tempo aquele que realiza a interpelação e aquele que

permite a amarração do sujeito na linguagem. Por isso, ao fazer cadeia, podemos supor que a cadeia da linguagem possui um aspecto também ideológico e não apenas linguístico. Vale dizer, para a AD, só existe linguagem na relação com a ideologia; não existe linguagem fora do ideológico.

Althusser aponta que a interpelação ideológica possui a mesma forma do inconsciente. É importante notar que o sujeito, enquanto interpelado, é um sujeito alienado ao significante, na medida em que ele é efeito de significantes. O sujeito é fruto, e está no intervalo da cadeia de significantes. Pêcheux afirma:

O significante, isto é, aquilo que representa o sujeito para outro significante [...] trata do sujeito como processo (de representação) dentro do não-sujeito constituído pela rede de significantes, no sentido de Lacan: o sujeito é captado nessa rede. (1999, p. 151)

Com efeito, a linguagem é uma alteridade radical que, enquanto fato social, é coercitiva e assimétrica, à qual o sujeito deve se submeter. Assim, Silveira (2010) vai afirmar que o Sujeito universal, enquanto ser único e autorreferente, é quem realiza a interpelação. Silveira Comenta: “[...] como Althusser gostava de dizer, o interpelante se apresenta, então, como um Sujeito Único e autorreferente. E é dessa posição, de entidade ao ser, que esse Sujeito interpela seus “sujeitos” para serem acolchoados sob seu manto”. (SILVEIRA, 2010, p. 176).

Na citação de Silveira, o termo “acolchoados” pode significar que o sujeito foi acolhido, absorvido pelo Outro e que, por isso, a interpelação foi bem-sucedida, mas, o termo remete também ao conceito de “ponto de estofa” lacaniano (DOR, 1992), que, no grafo do desejo, mostra que os significantes não estão soltos ou dispersos; ao contrário, eles estão ordenados, organizados, na medida em que existe um significante que faz a amarração da cadeia: trata-se do significante mestre⁵. Assim, podemos dizer que o sujeito é efeito de um assujeitamento-identificação a um significante que organiza a cadeia significante e o discurso.

Diremos que a mídia fornece ao sujeito significantes com os quais o sujeito pode (deve?) se identificar. Esse significante é tomado pelo sujeito como um significante mestre, como uma missão a ser cumprida. Trata-se do ideal de eu do sujeito que é implantado de fora e, conforme Silveira, “para a teoria psicanalítica a instância do ideal do eu é que é a porta de entrada do social e da ideologia no aparelho psíquico” (SILVEIRA, 2010, p. 170).

Isso não significa que o sujeito escolhe livremente os seus ideais, mas antes que ele é tomado, sem se dar conta, de modo inconsciente, e que a porção consciente é apenas uma ponta da cadeia.

O sujeito pode se identificar também com ideias como “paz”, “igualdade” e outras. Nossa hipótese é que o sujeito se identifica com um significante que funciona como significante-mestre⁶, ou seja, aquele do qual dependem todas as suas experiências. Na

⁵ O significante mestre, ou S1, é aquele que basteia todos os outros elementos da cadeia.

⁶ Uma vez que o professor é também denominado “mestre”, seria interessante tratar das possíveis relações e distanciamentos entre o significante mestre e o discurso pedagógico. Lembramos que na psicanálise existe

teoria lacaniana, o significante-mestre é organizador da cadeia de significantes. Esse significante-mestre passa então a organizar o discurso do sujeito. Pensamos que o significante-mestre guarda uma relação com a noção de formação discursiva. Ele daria os limites “do que pode ou não ser dito”, além de servir como interpretante dos outros significantes que funcionam na cadeia. Nesse sentido, ele poderia funcionar de maneira similar ao da “matriz do sentido”⁷. Os significantes posteriores (e anteriores também) devem ser interpretados a partir do significante-mestre, por isso ele é aquele que dá sentido ao que é dito. Possivelmente, outras características da formação discursiva como a regularidade discursiva e a família de paráfrases também tem relação com o significante-mestre.

Ao se colocar como portadora da palavra do Outro, a revista assume o lugar do “interpelante” comentado por Silveira (2010) e, por isso, a assimetria e o autoritarismo disfarçado (características do discurso pedagógico) permitem que ela se coloque na posição de quem pode ensinar ao outro, que por sua vez se coloca na posição de quem precisa aprender.

Teoricamente, o Outro, enquanto representante de uma lei, não precisaria se explicar, o que seria um argumento contra o discurso pedagógico. Porém, esse seria o Outro não barrado. Mas, sabemos que o Outro é barrado, que ele tem falhas, que ele não é essa figura ilusória de quem sabe e pode tudo.

A interpelação ideológica produz laços sociais na medida em que a identificação com o Sujeito universal permite essa amarração dos sujeitos com os outros sujeitos e com a linguagem: “[...] a função mais evidente da interpelação ideológica é a de produzir laços sociais, isto é, laços que costuram – e às vezes chegam a cerzir – os sujeitos ao social, à sociedade e às suas instituições”. (SILVEIRA, 2010, p. 175).

Neste ponto, recordamos que estamos trabalhando com a relação entre ideologia, sujeito e identificação, e que pretendemos verificar como isso opera na mídia, através da análise de uma capa de revista.

Recorremos a seguir a uma apresentação do grafo do desejo (LACAN, 1998) para continuar abordando a questão do sujeito enquanto efeito de linguagem de uma cadeia significante.

Zizek (1992) faz uma leitura do grafo do desejo lacaniano que permite compreender melhor como o sujeito é efeito de linguagem. Zizek denomina sua abordagem do grafo como “uma leitura política” (ZIZEK, 1992, p. 99), o que será adequado para nosso trabalho, pois trabalhamos aqui com os conceitos de ideologia e de discurso, que tocam o político.

um discurso que concerne à questão do saber que é o discurso universitário e não necessariamente o discurso do mestre.

⁷ O conceito de “matriz do sentido”, tanto em Foucault, quanto em Pêcheux, funcionaria como elo de identificação entre os falantes, que se reconheceriam pelo fato de as significações lhes parecerem óbvias ou naturais. Para Pêcheux (1995), esse efeito de naturalização seria produto do trabalho da ideologia; para Foucault (2008), isso depende da formação discursiva, a qual garantiria uma regularidade semântica; Nossa leitura é que em Lacan a matriz de sentido seria fornecida pelo significante-mestre.

Por sua vez, o grafo do desejo lacaniano (fig.1) retrabalha as relações entre significante e significado, produzindo deslocamentos sobre a teoria saussuriana. Em Saussure (1995), a “fala” (parole) possui progressão linear “sempre em frente”, tendo uma única dimensão. Zizek (1992) indica como Lacan repensa essa questão, afirmando que a significação só se dá num processo de retroação. Na representação elementar do grafo do desejo temos dois eixos, o eixo da “fala” ($S \rightarrow S'$) e “o eixo do bastreamento, ou da retroação”. Como o sujeito é efeito de linguagem, no eixo da retroação temos uma entidade pré-subjetiva (Δ) que, ao atravessar (ou ser atravessada) pelo significante, passa à condição de sujeito barrado ($\$$): ou seja, submetido ao Outro. Eis aqui o processo de alienação do sujeito ao significante e de estabelecimento de sentidos em um discurso. Esse processo é denominado bastreamento do significante, o qual, em nossa leitura, amarra um significante ao outro retroativamente, e, com isso, captura o sujeito, assujeitando-o. Eis Zizek: “O ponto de basta é o ponto através do qual o sujeito é costurado ao significante, e, ao mesmo tempo, o ponto que interpela o indivíduo como sujeito, dirigindo-se a ele através do apelo a um certo significante mestre” (ZIZEK, 1992, p. 100). O sentido de um discurso só pode ser capturado em retroação, e, em vez de apenas uma progressão linear unidimensional, temos um segundo vetor que retroage e estabelece o sentido.

Figura 1: grafo do desejo lacaniano
(Fonte: Zizek, 1992, p. 99)

Falando sobre o bastreamento ideológico nos discursos, afirma Zizek que:

Para apreender isso claramente, basta simplesmente nos lembrarmos do funcionamento do bastreamento ideológico: num espaço ideológico flutuam significantes como “liberdade”, “Estado”, “justiça” “paz” etc., e depois sua cadeia é suplantada por um significante-mestre (“comunismo”, por exemplo) que lhes determina retroativamente a significação [...] (o bastreamento democrático e liberal produziria, evidentemente, uma articulação de significantes totalmente diferente, e o bastreamento conservador, uma significação oposta aos dois campos precedentes). (ZIZEK, 1992, p. 100-101)

Em termos discursivos, o que Zizek está afirmando é que uma palavra só ganha sentido dentro de uma determinada formação discursiva, como afirma Pêcheux. Nesse ponto, ressaltamos a relação estabelecida anteriormente entre os conceitos de significante-mestre e de formação discursiva. Nenhuma palavra tem sentido prévio, essencial ou pré-estabelecido. O sentido de liberdade só pode ser compreendido a partir do discurso no qual esse significante está enquadrado, ganhando sentidos diferentes conforme o discurso em que está: liberdade tem um sentido no discurso comunista, outro no discurso liberal e outro no conservador. É por isso que a AD critica a noção de literalidade: o sentido literal de uma palavra não existe porque o sentido da palavra é definido no bojo de uma formação ideológica. A literalidade é um produto da história (ORLANDI, 1996b), então, temos que nos remeter ao discurso e à sua exterioridade para compreender os sentidos, tendo em vista que a exterioridade não é um mero acréscimo que se faz, ao se incluir o contexto e as condições de produção; ela é constitutiva do movimento dos sentidos.

Retornemos à análise. O título da revista em análise é *Men's Health* (Saúde dos Homens). Assim, uma hipótese interpretativa é que os outros significantes ganham sentido a partir de “saúde”, considerado como o significante-mestre. Assim, “ficar sarado”, “secar os pneus”, “ganhar músculos”, “detonar calorias” e “fazer esporte ao ar livre” podem e devem ser compreendidos a partir do significante “saúde” ou “Health”. Por outro lado, não pode ser ignorado o mantra que é recorrente em todos os números da revista: “viver melhor é fácil”.

Propomos estabelecer uma aproximação entre a análise do significante liberdade, feita por Zizek, e as SDs acima. Sabendo que, da mesma maneira que o sentido do termo liberdade depende de outro significante que permita interpretá-lo, perguntamos, enquanto analistas, qual seria o significante que permite interpretar, por exemplo, “ficar sarado”, ou seja, admitimos que o sentido de “ficar sarado” deve ser compreendido a partir de um interpretante, quer dizer, do significante que basteia a cadeia, ao redor do qual todos os outros retroagem: o significante-mestre. Isso quer dizer que “ficar sarado” terá um sentido se estiver no discurso da saúde, e outro sentido se estiver no discurso da estética, do corpo belo e perfeito. Apesar de, numa primeira interpretação, acreditarmos que se trata do discurso sobre a saúde, não podemos desprezar um certo narcisismo indiciado pela figura da capa, que permite também a segunda interpretação.

Esse duplo bastamento, onde o equívoco é explorado, reaparece quando se consideram as outras SDs alinhadas acima (de SD1 até SD9). Assim, o sentido de “secar os pneus”, “definir o abdome”, “ganhar músculos” etc., deveriam ser interpretados a partir dos discursos da saúde e da estética. Os significantes-mestres “saúde” e “estética” circunscrevem a formação discursiva na qual os outros significantes devem ser interpretados.

O processo de interpelação-identificação possui uma relação com os ideais do eu. O sujeito se identifica com aquilo que ele idealiza. Ao eleger como ideal o corpo da capa da revista, o sujeito se aliena a ele, quer dizer, como afirmam Silveira (2010) e Zizek (1992), o ideal de eu vem de fora e é introjetado. Isso significa que o ideal de eu tem um caráter social e ideológico e que o sujeito tem dificuldade em estabelecer o que é genuinamente dele e o que vem do Outro. As aspirações do ideal de eu são em parte

individuais e em parte sociais, ou seja: a sociedade pode impor ideias ao sujeito no processo de assujeitamento. Afirmar Zizek:

Lacan soube extrair do texto de Freud a diferença entre o eu ideal, que grafou como *i*, e o ideal do eu *I*. No nível desse *I*, vocês não têm nenhuma dificuldade de introduzir o social. Podem, perfeita e legitimamente, interpretar o ideal do eu como uma função social e ideológica. (MILLER apud ZIZEK, 1992, p. 109)

O sujeito pode idealizar a imagem da capa de revista, mas também pode tomar como ideais certas ideias, como “secar os pneus” e etc. Deste modo, ele toma esses significantes como um objetivo, sempre organizados dentro de um discurso, de uma formação discursiva, a partir de significantes em cadeia, o que supõe a existência de um significante que sirva de interpretante.

A dificuldade, para o analista, está em, como Lacan, redefinir a natureza do signo e seus componentes: significante e significado, e mobilizar a distinção entre signo e significante⁸. Se a relação significado/significante fosse unívoca, a linguagem seria transparente; logo, não haveria mal-entendidos nem equívocos na comunicação. Outra consequência é que, nesse caso, os sujeitos poderiam ser meros carimbos uns dos outros, sem nenhuma singularidade peculiar. Isso permitiria trabalhar com uma chave fixa de interpretação como: árvore tem um sentido pré-fixado, ou seja, saberíamos o sentido de antemão.

A proposta de Lacan é a de trabalhar com a cadeia de significantes, na qual o sentido depende da cadeia e não é pré-determinado. O sentido, ao depender da cadeia, depende também do significante-mestre que a organiza. Comenta Starnino (2016, p. 233): “A rede de significantes comanda o conjunto dos significados, pois este último surge pela substituição (metafórica ou metonímica) de um significante por outro. E por outro lado, ao contrário de Saussure, Lacan não reduz o significado ao conceito”.

Por sua vez, para o analista, encontrar o significante-mestre também não é suficiente para saber tudo. Por exemplo: mesmo que dois sujeitos que se identifiquem com o significante-mestre “saúde”, na capa da revista, o termo “ganhar músculo” pode ter um sentido para um sujeito que foi franzino a vida toda e outro para um sujeito que já é musculoso e apenas deseja ser mais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensamos que este trabalho atingiu seus objetivos ao avançar nas relações entre a AD francesa e a psicanálise no tocante à questão do assujeitamento ideológico e da identificação do sujeito.

⁸ O signo seria um termo tomado isolado tomado apenas a partir do código linguístico, no qual o significante remete diretamente ao significado. Por exemplo, a palavra árvore no dicionário tem significado definido. (SAUSSURE, 1995).

A análise permitiu tratar conceitos como identificação, ideal de eu, ideologia e significante-mestre. Em relação ao significante-mestre, propomos investigar mais a fundo a proposta aqui apresentada de que ele possui uma relação com a noção de formação discursiva.

Notamos que o discurso das SDs analisadas possui as características de um discurso pedagógico que dão ao leitor um lugar para “livremente” se assujeitar e se identificar. Além de servir como espelho para a identificação, a revista também enuncia significantes com os quais o sujeito pode se identificar e que estariam em duplo bastreamento pelos significantes-mestres saúde e estética.

REFERÊNCIAS

- DOR, Joel. **Introdução à Leitura de Lacan**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1992.
- FORBES, Jorge. Psicanálise do homem desbussolado. *Revista Psique*, n. 53, 2010. Disponível em: <http://www.jorgeforbes.com.br/br/artigos/psicanalise-do-homem-desbussolado-artigo-psique.html>. Acesso em: 15 out. 2013.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 7ª ed., 2008.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **MÍDIA, COMUNICAÇÃO E CONSUMO**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105>. Acesso em 04/jan/2019.
- LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998.
- ORLANDI, Eni. Pulcinelli. O discurso pedagógico: a circularidade. In: ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas: Pontes, 1996a. p. 15-23.
- ORLANDI, Eni. Pulcinelli. A literalidade como produto da história. In: ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas: Pontes, 1996b. p. 15-23.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- PÊCHEUX, Michel. O mecanismo do desconhecimento ideológico. In: ŽIŽEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto. 1. reimpr. 1999.
- POIAN, Carmen Da. Os Novos Caminhos da Identificação. http://www.cprj.com.br/pdf/artigos_novos_caminhos.pdf 2002. Acesso em 10/jan/2019.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix. 19ª. Edição. 1995
- SILVEIRA, Paulo. A interpelação ideológica: a entrada em cena da outra cena. **A PESTE**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/article/view/12080>. Acesso em 04/jan/2019.
- STARNINO, Alexandre. Sobre identidade e identificação em psicanálise: um estudo a partir do Seminário IX de Jacques Lacan. **DOIS PONTOS**: Curitiba, São Carlos, volume 13, número 3, p. 231-249, dezembro de 2016. <https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/46901> Acesso em 04/jan/2019.

TFOUNI, F. E. V. e TFOUNI, L. V. A mídia e a fabricação do “bom” sujeito. Revista Todas as Letras. Maio/2014. v 16, N° 1, p. 116-124. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v16n1p116-124>

TFOUNI, Fabio E. V. Corpo e Subjetividade em Revistas de Grande Circulação. Em: **Memória, história, arquivo: fronteiras e intersecções**, vol. 2 [recurso eletrônico] / [organizadores] Fabiele S. de Nardi, Ricardo Postal. Recife: Editora UFPE, 2015.

_____. Ideologia, identidade e identificação na mídia: Uma abordagem discursiva. Projeto de Pós-doutorado. 2018. Não publicado.

ZIZEK, S. **Eles não sabem o que fazem**: o sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor. 1992.

Artigo recebido em: nov. de 2019.

Aprovado e revisado em: abr. de 2020.

Publicado em: julho de 2020.

Para citar este texto:

TFOUNI, Fabio Elias Verdiani. O Significante-Mestre e a Identificação no Discurso Midiático. **Entremeios** [Revista de Estudos do Discurso, ISSN 2179-3514, on-line, www.entremeios.inf.br], Seção Estudos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), Pouso Alegre (MG), vol. 21, p. 121-133, jan. - jun. 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol21pagina121a133>